

Confronto iminente no mundo de Trump

Enquanto os nacionalistas apoiam a tarifas e a tecno-direita destrói o Estado, os problemas reais dos Estados Unidos não são enfrentados

Por Dani Rodrik

Valor, 05/03/2025

Embora Donald Trump tenha chegado ao poder surfando um tsunami de hostilidade pública contra as “elites”, seus apoiadores são, eles mesmos, membros proeminentes do establishment e da plutocracia. Como ocorreu durante seu primeiro mandato, Trump - um empresário rico e celebridade - cercou-se de uma mistura de políticos republicanos convencionais, financiadores de Wall Street e nacionalistas econômicos. Mas desta vez esses grupos foram acompanhados por membros da tecno-direita, representados de forma mais gritante por Elon Musk, a pessoa mais rica do mundo.

O que une esses grupos, pelo menos por enquanto, não é o caráter de Trump ou sua liderança - ambos deixam muito a desejar. Em vez disso, é a crença de que suas agendas específicas serão mais bem servidas sob Trump do que sob a alternativa mais provável. Os republicanos conservadores querem impostos baixos e menos regulamentação, enquanto os nacionalistas econômicos querem fechar o déficit comercial e restaurar a manufatura dos EUA. Os absolutistas da liberdade de expressão querem acabar com o que veem como “censura woke”, enquanto a tecno-direita quer ter carta branca para implementar sua própria visão do futuro.

Independentemente de seus projetos favoritos, esses grupos consideram Kamala Harris (e Joe Biden) um obstáculo, e Trump como um aliado promissor. A maioria não se opõe à democracia em si, mas parece disposta a ignorar, e assim facilitar, o autoritarismo de Trump desde que sua agenda esteja sendo atendida. Pressione-os sobre os impulsos antidemocráticos de Trump e seu desprezo pelo Estado de Direito, e eles serão ambíguos ou minimizarão os riscos.

Durante o primeiro mandato de Trump, compartilhei minhas preocupações sobre ele com um de seus principais assessores econômicos (um nacionalista econômico). Mas meu interlocutor menosprezou minhas preocupações e rebateu que os democratas e o Estado administrativo eram as ameaças mais sérias. No final, ele estava interessado no compromisso do seu chefe com tarifas, não em quaisquer das possíveis consequências para a democracia.

De forma semelhante, em um episódio recente do podcast do jornalista Ezra Klein, do “The New York Times”, o absolutista da liberdade de expressão, Martin Gurri, explicou que seu apoio a Trump foi impulsionado principalmente pela repressão da administração Biden à expressão livre. Biden havia “basicamente dito às plataformas: Vocês devem aderir aos padrões europeus de bom comportamento on-line”, Gurri disse. No entanto, as restrições que Trump impôs à fala dos servidores civis e entidades privadas financiadas pelo governo já são muito mais ultrajantes. Mesmo admitindo que Trump possa acabar sendo “ainda pior”, Gurri não parece se perturbar. Quando a pressão aumenta, parece ser mais importante destruir a cultura acordada do que defender a Primeira Emenda.

Com os apoiadores de Trump priorizando suas agendas estritas sobre os princípios democráticos, o risco de uma escorregada para o autoritarismo deve ser óbvio.

Felizmente, no entanto, o resultado ainda mais provável é que essas agendas concorrentes logo entrarão em conflito, fazendo com que a coalizão de Trump imploda.

As linhas de conflito mais agudas estão entre os nacionalistas econômicos e a tecnodireita. Ambos os campos se veem como antissistema e querem desestabilizar um regime que sentem ter sido imposto a eles pelas elites do Partido Democrata. Mas eles encarnam visões muito diferentes dos Estados Unidos e para onde eles devem ir.

Os nacionalistas econômicos querem retornar a um passado mítico marcado pelo esplendor industrial americano, enquanto o campo tecnológico imagina um futuro utópico administrado pela inteligência artificial. Um é populista, o outro elitista. Um tem fé na sabedoria e no bom senso das pessoas comuns, o outro apenas na tecnologia. Um quer parar a imigração em geral, o outro acolhe novos talentos. Um é paroquial, o outro essencialmente globalista. Um quer desmembrar o Vale do Silício, o outro quer empoderá-lo. Um acredita em taxar os ricos, e o outro em alimentar os ricos.

Os nacionalistas populistas afirmam falar em nome das pessoas que a revolução tecnológica imaginada por Musk deixaria para trás. Portanto, não é surpreendente que eles vejam os “tecnofeudalistas” do Vale do Silício com profundo desdém. Steve Bannon, uma voz de destaque entre os nacionalistas econômicos (e formado pela Harvard Business School, claro), chegou a ponto de chamar Musk de “imigrante ilegal parasitário”. Musk e o que ele representa “devem ser parados”, Bannon alerta. “Se não pararmos isso agora... vai destruir não apenas este país, mas o mundo”.

Embora Bannon não esteja atualmente no governo Trump, ele é uma figura importante no movimento MAGA (“Make America Great Again”) e mantém laços estreitos com muitos funcionários de alto escalão da administração. No entanto, está claro que Musk atualmente tem o ouvido de Trump. A Casa Branca deu carta branca ao chamado Departamento de Eficiência do Governo (Doge) de Musk, e Trump mesmo encorajou Musk a ser mais agressivo.

É típico de líderes personalistas, como Trump, colocar aliados (na verdade, cortesãos) uns contra os outros para que nenhum acumule muito poder. Trump, sem dúvida, acredita que pode permanecer no topo e aproveitar os conflitos para seu próprio benefício. Mas essas táticas funcionam melhor quando a competição entre diferentes grupos é sobre recursos e rendas do governo, e não reflete diferentes ideologias e sistemas de crenças.

Dada a vasta diferença nas visões de mundo e preferências políticas das forças que animam a administração Trump, um confronto é quase inevitável. Mas o que virá depois? Haverá paralisia, ou um dos grupos irá impor sua dominância? Os democratas serão capazes tirar proveito desse racha? O trumpismo será desacreditado? As perspectivas para a democracia americana serão revividas, ou diminuídas ainda mais?

Independentemente do resultado, a tragédia é que os eleitores menos educados da classe trabalhadora que se juntaram à mensagem anti-elitista de Trump continuarão sendo os perdedores. Nenhum dos braços da coalizão de Trump oferece uma visão convincente para eles. Isso se aplica mesmo aos nacionalistas econômicos (apesar de sua retórica), cujas aspirações dependem de um renascimento irrealista nos empregos de manufatura.

À medida que diferentes elites lutam por suas próprias versões dos Estados Unidos, a agenda política urgente necessária para criar uma economia de classe média em uma sociedade pós-industrial permanece distante como nunca. **(Tradução de Samara Leonel)**

Dani Rodrik é professor de Economia Política Internacional na Escola de Governo John F. Kennedy da Universidade de Harvard, é presidente da Associação Econômica Internacional e autor de “Straight Talk on Trade: Ideas for a Sane World Economy”.a Sane World Economy.